
Livros, Crianças, Escolas, Bibliotecas e o Mais que Adiante se Verá*

HENRIQUE BARRETO NUNES

Biblioteca Pública de Braga

O primeiro livro da minha vida, o meu primeiro livro inesquecível, foi um colo farto e fofo de uma velha tia que tinha um carrapito, onde eu com poucos anos, me aninhava extasiado ouvindo velhos contos e histórias de proveito e exemplo.

Muito cedo, porém, os meus pais começaram a ler-me pequenos contos e histórias. Recordo, por exemplo, as de um livro chamado *Contos para os nossos filhos* ou a «Colecção Manecas», lidas repetidamente, até à exaustão, até eu quase as saber de cor, que sempre me fascinavam e nunca mais esqueci.

Logo a seguir, aprendi a ler e, aos poucos, fui descobrindo que as histórias que me encantavam e prendiam vinham nos livros, e os livros começaram a fazer parte da minha vida — hoje vivo dos livros, de os ler, e de os dar a ler.

Tive a sorte de os meus pais, avós, tios serem bons leitores e de sempre ter dormido em quartos com muitos livros, que não me pertenciam mas de que me fui apropriando.

Cedo larguei os contos infantis, as histórias tradicionais, porque ao lado da cabeceira da minha cama, em Monção, havia um armário com a coleção completa de Júlio Verne, com romances de Salgari e Paul Feval (e também

* Texto da comunicação apresentada ao 3.º Colóquio «A Literatura Infanto-Juvenil e o Ensino», promovido pela Editora Civilização na Maia, em 8/9 de Março de 1994.

com a *Ilustração Portuguesa*, *O Minho Pitoresco*), os quais, com 9/10 anos comecei a devorar.

Assim fiquei desde muito novo dependente deste vício terrível que fui alimentando recorrendo a mil e um artifícios — a perversos estratégias, a manhas que não ousa contar, chegando mesmo a práticas pouco recomendáveis: li banda desenhada durante a missa, não devolvi livros que me emprestaram, cheguei a roubar livros — até que me tornei bibliotecário, para evitar cair na senda da perdição, que da dependência já não posso libertar-me.

Bom, mas o inquérito sociológico aos «Hábitos de Leitura em Portugal» (encomendado pelo IPLL a Eduardo de Freitas e M. Lourdes Lima dos Santos e editado em 1992 pelas Publicações D. Quixote), revela que *mais de 6,5 em cada 10 dos indivíduos socializados na infância com a leitura directa lêem hoje cumulativamente*. Isto é, a grande maioria dos inquiridos a quem os pais ou família liam quando crianças, constituem hoje o restrito grupo dos grandes leitores de livros, revistas e jornais.

Igualmente a existência de livros em casa dos inquiridos, quando crianças, condiciona hoje a sua qualidade de leitores: sete em cada dez cujos pais possuíam muitos livros pertencem ao grupo dos grandes leitores.

Para criar hábitos de leitura é pois decisivo começar a ouvir ler o mais cedo possível, preferivelmente vivendo num ambiente rodeado de livros, que se insiram naturalmente no quotidiano de cada um.

Dorothy Eino, uma pedagoga citada por Alice Vieira¹, fala de «Livros para bebés»:

uma criança de 2 anos que nunca se habituou a ter um livro nas mãos é uma criança extremamente carenciada. Se o leitor quiser começar a dar livros aos seu bebé quando ele tiver 6 semanas de idade, acredite que não faz nenhuma tolice; mas se lhos começar a dar aos 6 meses, ainda não vai tarde. E prossegue: a regra do ouro será quando o seu braço, leitor, conseguir equilibrar a criança e o livro ao mesmo tempo. Embora aos 2 meses os livros sejam para a criança apenas cores e formas atraentes, têm um valor imenso esses momentos de tranquilidade em que o pai ou a mãe pegam no filho e com ele folheiam um livro antes de o pôr no berço.

As crianças devem começar a habituar-se aos livros desde muito cedo. Talvez assim não surja o perigo de os pais virem a dizer: *o meu filho não gosta de ler*. Se não gosta, é porque a isso não foi habituado quando devia.

Penso que a leitura e o contacto físico com o livro terão que começar em casa, com a família e prosseguir naturalmente no jardim de infância.

Mas as bibliotecas deverão ter uma palavra a dizer, desde a infância, aos seus potenciais leitores. Em França, por exemplo, nas bibliotecas municipais

de leitura pública, começam já a surgir espaços para os mais pequeninos, que gatinham ou mal andam mas já têm prazer em mexer nos livros produzidos em suportes adequados (plástico, pano, cartão) para essas tenras idades.

Tais bibliotecas produzem catálogos destinados a orientar os pais dos leitores dos 0 aos 5 anos com títulos sugestivos como *Je ne sais pas lire! Qu'est-ce que je peux lire?*² ou *Petit mais lecteur*³. Neles são propostos álbuns sem texto, apenas com cores e imagens, para os leitores mais pequenos se habituarem desde muito cedo ao contacto com o objecto livro. Com o aumento da idade surgem os livros que ajudam a descobrir o mundo que rodeia a criança e outros que abrem as portas para o universo interior, o do sonho, da poesia, dos afectos ou o do humor.

Não será pois anacrónico ler antes dos 3 anos e volto a insistir na relação afectiva que se estabelece entre a criança e o adulto no decurso da leitura — como p. ex. o ritual da leitura de um conto antes de o sono vir — que é um momento privilegiado, um prazer partilhado, uma cumplicidade terne e marcante.

Vem depois a escola e a efectiva aprendizagem da leitura, questão a que naturalmente não me referirei, pois ultrapassa as minhas competências.

Para quem já se habituou ao livro, este não será apenas um objecto escolar, mas é na escola que se aprende a decifrá-lo e a utilizá-lo, é aqui que se começa a sentir, embora tenuemente, a necessidade de o procurar e, depois, de escolher.

Mas também terá já de ser nesta altura que se deve radicar a ideia de que o livro não pode ser encarado unicamente como um objecto escolar, um mero instrumento de aprendizagem, porque se a sua utilização apenas for considerada como obrigação, em breve será abandonado, já que todas as potencialidades que oferece de abertura ao mundo ou ao prazer de leitura serão iludidas, esquecidas (recordo a propósito o truculento, mas em alguns aspectos discutível livro de G. Pennac, *Como um romance*).

Como diz a bibliotecária Jacqueline Gascuel⁴, *constituiria um grave erro atribuir por única missão aos livros a de aumentarem o saber da criança, sob o pretexto de que a infância é a idade de aprendizagem: «estamos cansados de livros que ensinam, dêem-nos livros que nos divirtam»* diz uma personagem infantil de um romance francês.

É cada vez maior o número de especialistas que nos fala do papel das obras literárias, romances e contos, na formação da personalidade das crianças, no papel que as ilustrações desses livros desempenham no desenvolvimento da imaginação e da sensibilidade como são os casos de B. Bettelheim⁵ ou G. Patte⁶.

E aqui surge a biblioteca de leitura pública, com a imensa capacidade de atracção que pode exercer através das colecções de livros e outros documentos que propõe, os espaços e o mobiliário que proporciona, as actividades de animação que promove.

Nestas bibliotecas, sobretudo nas bibliotecas municipais que compõem a rede nacional de leitura pública (RLP), poderão efectivamente criar-se condições que ajudarão a descobrir ou a desenvolver o prazer da leitura — e também a necessidade de leitura⁷.

As novas bibliotecas oferecem estruturas de acolhimento, riqueza e variedade de fundos documentais, serviços voltados para o utilizador (em que a facilidade de circulação das crianças, o livre acesso às estantes e caixas de livros e o empréstimo domiciliário desempenham um papel fundamental) e pessoal com alguma formação especializada que, no seu conjunto servem para aliciar, conquistar e reter as crianças.

Numa biblioteca assim concebida, todas as crianças têm um acesso democrático a centenas e centenas de livros, sobre assuntos os mais variados, apresentados das mais diferentes maneiras.

Estas bibliotecas poderão também ajudar a combater muitos casos de exclusão social, os daqueles que em suas casas, com as suas famílias, nunca gozaram dos ambientes especiais que atrás referi.

A biblioteca é um lugar verdadeiramente especial. A criança vai lá por sua própria iniciativa, quando lhe apetece. Ninguém lhe impõe a ida ou uma leitura determinada. Vagueia, passeia por um espaço que é seu. Vê, olha, pára, folheia o livro que quer, de pé, sentado, acocorado. De repente perde-se na leitura, trava um combate ao lado do seu herói preferido, é seduzido pela raposa do Príncipezinho, naufraga em ilhas misteriosas, cavalga na pradaria, desbrava florestas impenetráveis, resolve mistérios insolúveis, voa através do espaço imenso.

É um tempo seu, ao seu ritmo, é a efectiva descoberta do verdadeiro prazer da leitura, que pode prolongar levando o livro — outros livros — para casa, conversando sobre eles com os irmãos ou os amigos, a quem atrairá para a leitura.

Um dos grandes trunfos destas bibliotecas, talvez o maior, é o fundo documental que é posto à disposição dos leitores.

Se forem respeitadas as directrizes do antigo Instituto Português do Livro e da Leitura, praticamente toda a produção editorial portuguesa de qualidade, dos 0 aos 14 anos, deve ser encontrada na secção infantil das bibliotecas de leitura pública (BLP).

José António Gomes seleccionou recentemente cerca de 3500 títulos de editores portugueses, disponíveis no mercado, para uma bibliografia a

editar pelo IBL – Vice Presidência do Livro, destinada a servir de instrumento de trabalho aos bibliotecários desta área ou mesmo a todos os que têm que organizar bibliotecas para criança e jovens⁸.

Esta selecção bibliográfica encontra-se dividida em quatro categorias: enciclopédias/dicionários; obras instrutivas e de divulgação (documentais); romances, contos, poesia; banda desenhada, e é a partir dela que vão ser constituídos os fundos das bibliotecas da Rede de Leitura Pública.

Estas, segundo as directrizes do IBL, deverão possuir pelo menos 4000 títulos na Secção Infantil e Juvenil nas localidades com menos de 20 000 habitantes e 9000 nas localidades com mais de 20 000 habitantes, com actualizações anuais obrigatórias⁹. Deve referir-se que muitas destas obras terão que existir em duplicado ou triplicado, prevendo a procura que se verifique de parte delas, o que explica a disparidade entre os números fornecidos e os da selecção da J. A. Gomes.

Não podemos dissociar dos objectivos que prosseguem as BLP a realização regular, quotidiana, permanente das actividades de animação. Desde a já clássica «hora do conto» às tradicionais exposições, passando pelos encontros com escritores e ilustradores ou a apresentação de novos livros, sem esquecer os incentivos à criação literária, múltiplas são as estratégias e os meios que as bibliotecas terão que utilizar para atrair, reter ou renovar o interesse dos seus leitores.

Dentro destas actividades não devem ser esquecidas as visitas de estudo dedicadas às escolas, mostrando diversas vertentes das bibliotecas, a começar pela desescolarização do livro até à descoberta do prazer da leitura, à motivação para mais tarde voltar lá, passando pela simples procura de informação.

Não posso dar receitas, julgo que não as há, mas tudo isto depende muito da imaginação, da criatividade, da paixão de quem trabalha nas bibliotecas, do seu conhecimento da literatura dedicada a estas idades, dos meios que lhe são postos à disposição pelas autarquias e dos incentivos e apoios que o Poder Central conceder.

A Rede de Leitura Pública nasceu em 1987. A filosofia do programa assenta, essencialmente, numa partilha de responsabilidades, formalizada em contratos-programa, entre o Estado e as Autarquias, em que aquele se apresenta como o promotor e o garante de uma nova política para o sector, enquanto estas surgem como os protagonistas mais directos e interessados das acções a desenvolver.

A receptividade a este programa foi excelente, traduzindo-se, no final de 1993, no facto de terem sido assinados 108 contratos-programa entre os municípios e a SEC, actualmente representada pelo IBL – Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

As novas bibliotecas de leitura pública, das quais já foram inauguradas mais de 40, respeitam determinadas directivas em termos de áreas funcionais, composição dos fundos documentais, contratação de pessoal com formação especializada¹⁰, organização e funcionamento dos serviços (secções para adultos, crianças e de audiovisuais, livre acesso às estantes, empréstimo domiciliário, realização de actividades de animação, etc.) e criação de uma rede concelhia (anexos e/ou bibliomóveis), que permita que o livro vá ao encontro do leitor, onde quer que ele esteja.

Estas bibliotecas, instaladas em edifícios construídos de raiz ou em imóveis de qualidade, adaptados para o efeito, pretendem servir toda a população, permitindo a todos o acesso à informação e proporcionando espaços para o trabalho ou para a leitura como simples prazer¹¹.

A acção destas bibliotecas deve complementar ou prolongar, mas nunca substituir as das escolas, embora em Portugal, devido à ausência de uma política definida e coerente de bibliotecas escolares, esta situação lamentavelmente não se verifique.

Porém não é este o momento adequado para abordar esta questão que, aliás, os professores aqui presentes conhecem melhor do que eu e que justifica uma análise aprofundada e, sobretudo, medidas e meios efectivos por parte do Estado¹².

Para terminar, uma breve referência às leituras dos adolescentes que, diz-se, a partir de certa idade começam a rejeitar os livros, fenómeno que, aliás, não se passará só em Portugal.

Os inquéritos e as estatísticas que se conhecem não abrangem a população com idade inferior aos 15/16 anos, por isso há mais intuições do que certezas¹³.

Mas não será verdade que os adolescentes abandonam a leitura porque nessa idade a vida começa a concorrer com a literatura?

É uma constatação quase irrefutável, mas que nos cabe a nós, professores, bibliotecários, tentar, saber contornar e descobrir-lhe um sentido.

Contudo, se esses jovens cedo adquiriram hábitos de leitura, não será uma breve paragem quando, aos 14/15 anos, outros interesses surgem, que os afastará do livro e do que ele representa.

De qualquer modo, não haverá maneira de lhes mostrar que a vida também está nos livros?

Porque, citando Francisco José Viegas,

as páginas de um livro, as páginas que nunca esqueceremos, as que vivem ao nosso lado, as que nos fizeram ser assim — essas páginas devolvem-nos a vida como acreditamos sempre que ela era ou poderia vir a ser. Os livros explicam o mundo.

Não se pode obrigar ninguém a ler, mas pelo menos temos obrigação de criar condições e incentivos para que as pessoas, no nosso caso as crianças e os jovens, leiam.

E seja pelo prazer que nos proporcionam, pela necessidade que deles temos, por razões de ordem prática, todos acabamos por precisar dos livros. E os livros, todos os livros do mundo, sempre que deles necessitamos ou sempre que somos estranhamente compelidos a procurá-los, devem ser encontrados nas bibliotecas.

Assim terão que ser as nossas bibliotecas, bibliotecas aonde apeteça ir e saiba bem estar.

Assim terão que ser as nossas bibliotecas, encaradas como um direito e uma prioridade, com implantação efectiva em qualquer ponto do país, com acesso livre e gratuito, com colecções enciclopédicas, pluralistas, libertas de qualquer tipo de censura, com uma capacidade de atracção imensa, que as tornem num equipamento cultural e de informação imprescindível à vida de cada um e de todos.

Notas

¹ Alice VIEIRA, «Ler(zinho)». *Diário de Notícias*, Lisboa, 10 Jan. 1986.

² Bibliothèque Municipale de Bobigny, 1982.

³ Bibliothèques Municipales d'Argenteuil, 1988.

⁴ Jacqueline GASCUEL, *Um espaço para o livro*. Lisboa: D. Quixote, 1987.

⁵ Bruno BETTELHEIM, *Psicanálise dos contos de fadas*. Amadora: Bertrand, 1984.

⁶ Geneviève PATTE, *Laissez-les lire!* Paris: Editions Ouvrières, 1978.

⁷ Henrique Barreto NUNES, «Bibliotecas públicas em Portugal (1986-1989)». *Forum*, Braga, (9/10) 1991, p. 3-43.

⁸ José António GOMES, *Fundo bibliográfico para bibliotecas de leitura pública: 1. Monografias — Núcleo infantil*. Lisboa: IBL, 1993.

⁹ PORTUGAL. Instituto Português do Livro e da Leitura, *Programa de apoio às bibliotecas municipais*. Lisboa: IPL, 1989.

¹⁰ A inexistência de pessoal especializado neste sector causa alguns problemas às BLP. Na verdade, não existe uma formação específica para técnicos superiores ou adjuntos para as secções infantis, a qual deveria aliar conhecimentos de psicologia, de literatura infantil e biblioteconomia. É urgente que essa formação surja para que as BLP não falhem uma das suas missões primordiais. É vulgar, por exemplo, estas bibliotecas recorrerem a educadoras de infância, a alunos das ESE's ou dos CEFOPE's para as actividades de animação, nomeadamente a hora do conto.

¹¹ H. B. NUNES, *op. cit.*

¹² José António CALIXTO, *Bibliotecas escolares: as «linhas orientadoras da Unesco» e uma proposta para Portugal*. Setúbal: Biblioteca Municipal, 1994.

